As razões invocadas por Dom Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?

por padre Olivier Rioult | 21 de maio de 2018 |

Uma Peregrinação de Pentecostes, organizada pela Sociedade dos Apóstolos de Jesus e Maria (SAJM) , estava prevista para os dias 20 e 21 de maio de 2018 em Puy-en-Velay. O formulário de inscrição e o programa da peregrinação haviam sido enviados, e uma Missa pontifical estava até mesmo anunciada. Mas, em 4 de maio de 2018, Dom Faure enviou aos participantes da peregrinação esta nota manuscrita que reproduzimos aqui exatamente:

> « *Caríssimos Amigos,*
>
> *« A Santíssima Virgem Maria e Nosso Senhor recompensarão abundantemente a bela decisão que tomaram de nos acompanhar na Peregrinação do Puy. Eles saberão reconhecer os seus. Dom Williamson e eu lamentamos profundamente ter que informá-los de que, por razões alheias à nossa vontade, fomos obrigados a desistir da organização da Peregrinação e a devolver o cheque que vocês gentilmente nos enviaram.*
>
> *« Pedimos desculpas por esta grande decepção e esperamos poder encontrá-los em uma próxima reunião sem nenhum risco desta vez de não cumprir nossos compromissos. Enviamos nossa bênção episcopal e garantimos nossas orações e sentimentos devotados em Cristo e Maria. + Jean Michel Faure*. »

Este discurso corresponde à realidade? Para saber, basta tomar conhecimento dos seguintes fatos.

Esta Peregrinação foi criada e organizada pela *Associação Santos Mayeul e Martin* (ASMM) com vistas ao Grande Jubileu de 2016. Na ocasião, o Pe. Pinaud, durante sua pregação, perguntou publicamente se não seria oportuno renovar esta peregrinação anualmente. Durante a refeição que reunia os outros padres da peregrinação, Dom Faure, o Padre Bruno, um padre dominicano, e os padres Pivert, Rioult e Salenave aprovaram unanimemente este desejo, dada a centralidade e a importância deste santuário marial.

Em 2017, como acordado, a *Associação Santos Mayeul e Martin* convidou esses padres para a peregrinação. No entanto, com exceção dos padres Pinaud, Pivert, Rioult e de um padre dominicano, os demais padres encontraram motivos para não participar. O Pe. Salenave justificou-se dizendo não poder "colaborar com os sedevacantistas" (sic), o Pe. Bruno orientou os fiéis a priorizarem, neste ano, as pequenas peregrinações locais, e Dom Faure, que chegou a considerar uma peregrinação em Reims, informou, por meio de M. N., que não aceitaria o convite devido a um suposto conflito doutrinal com o padre Pinaud... Quanto a Dom Williamson, que também havia declinado o convite, ele compareceu, por amizade com um dos responsáveis

da Associação. Na ocasião, administrou várias confirmações e celebrou a missa de domingo diante de 300 peregrinos. Durante seu sermão, por duas vezes, Dom Williamson afirmou não saber se *"Francisco era papa… Só Deus sabe."*

No final dessa peregrinação, a *Associação Santos Mayeul e Martin* encontrou-se impossibilitada de reservar os locais para 2018, pois estes já estavam reservados por um grupo chamado *Les Agapes*. A *Associação Santos Mayeul e Martin* então reservou os locais para o ano de 2019 e pediu ao responsável para ser informado em caso de desistência. Em seguida, a Associação considerou vários locais alternativos: Rocamadour, La Salette... Mas, em 21 de janeiro de 2018, Dom Faure respondeu aos votos do presidente da Associação da seguinte maneira:

> « *Caríssimos amigos. Agradeço pelos votos. Estudamos a questão com nossos amigos de Paris e acreditamos que a peregrinação ao Puy é viável. Temos o apoio de Dom Williamson e dos Padres Dominicanos. Peço que transmitam meu convite ao padre Pinaud. O grupo de Paris está decidido a ir. Que Deus os abençoe. +JMF* »

O convite ao padre Pinaud era um sinal de amizade ou de maquiavelismo? O que virá a seguir mostrará. Quanto ao famoso grupo parisiense, parecia se reduzir a duas pessoas. Nesse mesmo dia, portanto, que era um domingo, Dom Faure, celebrando a missa na casa dos N. em Vernouillet, e para dar mais consistência a esse *"grupo de Paris decidido a ir..."*, fez um longo sermão durante o qual insistiu na necessidade de ir rezar a Nossa Senhora do Puy para que a Santa Virgem realizasse um milagre no Capítulo Geral da FSSPX... A abordagem não deixou de surpreender!

Outra surpresa: o seminário do Puy, devido a uma desistência do grupo *Les Agapes*, havia sido reservado pela SAJM, sem que a *Associação Santos Mayeul e Martin* fosse informada sobre sua disponibilidade.

Em 26 de janeiro de 2018, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* escreveu a Dom Faure:

> *« […] A operação realizada em nome da SAJM nos consterna. Teria sido leal e de acordo com as coisas que aquele ou aqueles que souberam da possibilidade inesperada de alugar o Grande Seminário tivessem informado a ASMM para que pudéssemos assumir a continuidade do que fundamos. E se Dom Williamson e os Padres Dominicanos deram seu apoio de princípio a uma peregrinação ao Puy (como fizeram anteriormente), não ousamos acreditar que eles aprovem que isso seja organizado à revelia do grupo de fiéis da Auvergne que a iniciou em 2016, é preciso lembrar, com o apoio, na época, da USML, e continuado em 2017, a pedido de todos os bispos e padres que participaram do primeiro.* »

No dia seguinte, os membros do Conselho da *Associação Santos Mayeul e Martin* enviaram a Dom Faure a seguinte mensagem sobre essa "tentativa de apropriação da peregrinação do Puy 2018":

> « […] Todos os membros expressaram sua reprovação e condenam essa atitude, que só pode desacreditar a organização e, por consequência, toda a Resistência, criando decepções e divisões entre os fiéis. Para honra, justiça e paz, mantendo sua presença e a do grupo de Paris decidido a ir, eles sugerem unanimemente que você mantenha a organização da peregrinação de 2018 à ASMM, como nos dois anos anteriores, e que confirme isso o mais rápido possível por razões evidentes de organização. Desde Pentecostes de 2017, a ASMM reservou o Grande Seminário do Puy para a peregrinação de Pentecostes de 2019. Portanto, é desnecessário que o senhor N., em nome da SAJM, tente fazê-lo como tentou no dia 24 de janeiro. Aguardamos sua resposta e garantimos, Monseigneur, nosso respeito filial e nossas orações junto a Nossa Senhora do Puy. »

Essas mensagens não receberam resposta de Dom Faure. As semanas se passaram... Então, em 24 de março de 2018, em Paris, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* teve a oportunidade de se encontrar

com Dom Faure por meia hora. Ele saiu desse encontro com a impressão de que Dom Faure, por ser bispo, podia, sem explicações, apropriar-se de uma peregrinação que não lhe pertencia...

Em 11 de abril de 2018, o padre Pinaud respondeu ao convite de Dom Faure:

> « *Estarei, evidentemente, presente no Puy 2018*, porque *"estive lá a 1ª e a 2ª vez"* e também *"porque seu convite é tranquilizador, pois a rumor me chegou no ano passado, informando que um conflito doutrinal teria impedido sua presença no Puy no ano passado. Interpreto, portanto, sua iniciativa como um sinal de um apaziguamento legítimo e me alegro com isso."*

Em 19 de abril, o padre Rioult informou a Dom Faure que também pretendia participar da peregrinação, alegrando-se com esse tempo de *"amizade sacerdotal que sempre deveria ter regido nossos relacionamentos e completamente lógico com a liberdade do 'non una cum' que [Dom Faure havia] aprovado em nossas reuniões USML."* O padre Rioult também pediu a Dom Faure para lhe

> *"dedicar uma conversa privada de cerca de meia hora ou mais, se desejar. A menos que prefira um diálogo em público. Fique à vontade. Já faz muito tempo que não podemos nos encontrar e temos tantas coisas a dizer."*

Após semanas de silêncio, mas apenas alguns dias após esse e-mail, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* recebeu uma mensagem de M. N., que, em nome da SAJM, propunha, afinal, devolver a organização da peregrinação... A proposta era tardia. Dado o curto prazo restante para assumir tal organização, o presidente da Associação, antes de tomar uma decisão, solicitou a lista de inscritos e dos padres participantes... Não recebeu resposta, exceto uma mensagem de Dom Williamson, que revelou ter inspirado a iniciativa de devolver a organização da peregrinação à ASMM. Mas, principalmente, Dom Williamson revelou o que considerava ser as verdadeiras razões para essa tentativa frustrada de recuperação da peregrinação, a saber: _"*a impossibilidade de colaboração com os padres Pinaud e Rioult*" *devido ao seu* "non una cum". *No entanto, apenas alguns meses antes, Dom Williamson havia declarado ao padre Pinaud que a única coisa a fazer em nossa situação era* "preservar a amizade entre nós"_ (*sic*)! Novamente, é justo questionar se essas palavras foram um sinal de amizade ou algo mais...

De qualquer forma, as justificativas de Dom Williamson permanecem desconcertantes, já que, por outro lado, ele não esconde sua satisfação em ver o padre Ortiz colaborando com o padre sedevacantista Mac Mahon em Washington; ambos sendo vigários do padre Ringrose, que também é "*non una cum*". Além disso, este último publicou recentemente, em seu boletim, uma crítica justa à posição teológica de certa Resistência:

> *« A posição "Reconhecer e Resistir" (R&R) sustenta que devemos reconhecer a autoridade do papa, mas resistir aos seus ensinamentos errôneos ou ordens ruins. Bons católicos caíram erroneamente nesse erro em seu desejo de proteger o ensino da Igreja dizendo que o papa deve ter sucessores perpétuos e que de alguma forma sempre deverá haver uma hierarquia. A posição R&R não pode ser mantida, pois ignora outro ensino claro da Igreja, que afirma que o papa não pode ensinar erro ou impor práticas e leis ruins ou prejudiciais, em virtude da garantia de Nosso Senhor e da assistência especial do Espírito Santo. Se reconhecemos a autoridade do papa para ensinar e dirigir a Igreja em matéria de fé e moral, não temos outra escolha senão submeter nossa inteligência e obedecer, pois não fazer isso seria falhar em submeter-se a Cristo mesmo, pela autoridade de quem e em nome de quem o papa fala. »*

Portanto, é difícil avaliar a coerência das razões apresentadas por Dom Williamson. E isso por mais de um motivo.

Em 2015, Dom Faure não se incomodou com o "*non una cum*" do padre Pinaud, já que o convidou para dirigir seu seminário.

Em 2016, durante uma reunião da USML, Dom Faure aceitou o princípio da « ordenação de seminarista "*non una cum*"_».

Em 2017, nem Dom Williamson nem Dom Faure se incomodaram com o "*non una cum*" do padre Ringrose, que ofereceu hospitalidade para a cerimônia de sagração do padre Zendejas. Dom Williamson parecia, aliás, dar pouca importância a essa questão, já que, por duas vezes, suplicou ao padre Pinaud para assumir a direção do seminário de Dom Faure.

Finalmente, Dom Williamson, ele mesmo, não hesitou, no passado, em celebrar uma missa "*non una cum*" na casa do padre Guépin…

Ser "*non una cum*" significa que se abstém de nomear o Papa no Cânon da Missa, e isso devido às heresias que ele professa publicamente, pois é prática da Igreja Católica não rezar "*una cum*", em união com, os hereges nem nomeá-los no cânon da missa. Dom Guéranger explica isso claramente em suas *Explicações da Santa Missa*:

> « *é necessário estar nesta fé para ser incluído entre aqueles que a santa Igreja menciona. A santa Igreja, ao enfatizar estas palavras "omnibus orthodoxis atque catholicæ et apostolicæ fidei cultoribus", nos mostra bem que Ela não ora aqui por aqueles que não têm a fé, que não são bem-pensantes nem ortodoxos, e que não recebem sua fé dos Apóstolos.* »

No entanto, **no que diz respeito a Francisco, suas heresias são tão frequentes e públicas que a *Correctio filialis de hæresibus propagatis* que lhe foi endereçada em 16 de julho de 2017 destacou uma lista não exaustiva de sete heresias apenas** em sua exortação *Amoris Lætitia*, ou seja, sete *« proposições que contradizem verdades que são divinamente reveladas e que os católicos devem acreditar com o assentimento da fé divina. »*

O "*non una cum*" não é, portanto, mais do que a consequência lógica e litúrgica de uma situação teológica. No entanto, é devido ao "*non una cum*" do padre Roy que Dom Williamson e Dom Zendejas se recusam a dar o sacramento da confirmação aos seus fiéis. *« Eu trabalho com o padre Ringrose, que é efetivamente sedevacantista, enquanto me recuso a colaborar com você… »* escrevia Dom Williamson, enquanto se recusava a ver *« dois pesos, duas medidas »*. Justificava sua atitude com um argumento mais do que surpreendente: o padre Ringrose é um velho amigo há mais de trinta anos… e não o padre Roy: *« Infelizmente, antes que você tenha um histórico de trinta anos para igualar ao do padre Ringrose, estarei comendo dente-de-leão pela raiz »* concluía Dom Williamson.

Portanto, o "*non una cum*" não é a verdadeira razão para o cancelamento da peregrinação do Puy, mas um mau pretexto. Qual é, então, a verdadeira razão? Por que todas essas manobras? Dom Faure e Dom Williamson podem sagrar o padre Zendejas na casa do padre Ringrose, que é "*non una cum*", mas eles cancelam uma peregrinação organizada por eles porque alguns colegas "*non una cum*" convidados por eles estarão presentes... **Compreenda quem puder!**

De qualquer forma, esses simples fatos manifestam evidentemente que a verdadeira razão para o cancelamento da peregrinação do Puy não é de ordem teológica, mas de ordem psicológica. Pois, razoavelmente, Dom Faure não poderia ter escrito:

> « Dom Williamson e eu lamentamos muito ter que informar que, por razões alheias à nossa vontade, nos vimos na obrigação de renunciar à organização da Peregrinação. »

É de se desejar que a verdadeira razão para todas essas ações não seja do mesmo tipo que aquelas do primeiro bispo de Argel em relação a Santa Emília de Vialar. Dom Dupuch, desrespeitando o bom senso e o direito, o interesse de sua diocese e de sua população, obstinou-se em prosseguir com uma política de perseguição e calúnia contra as religiosas de Santa Emília de Vialar que se dedicavam na Argélia, até injustamente excluí-

las da diocese. Um biógrafo de Santa Emília de Vialar procurou as razões para um comportamento tão estranho. Apresentamos aqui sua análise tanto para os interessados na história eclesiástica quanto para os estudantes de psicologia:

> *« Mons. Dupuch era o homem menos adequado para a dignidade e a responsabilidade que lhe foram confiadas. Além disso, devido a uma escolha real, ele se viu à frente do mais difícil das dioceses, ao mesmo tempo metropolitana e missionária, onde tudo precisava ser criado, construído e imaginado, onde não existia ainda nenhuma estrutura ou administração eclesiástica. Para alguém que não conseguiu dirigir adequadamente o menor das dioceses da França, exigia-se nada menos do que a fundação da Igreja de Argel.*
>
> *« Esse complexo de inferioridade, do qual Mons. Dupuch tinha mais ou menos consciência, exacerbou seu amor-próprio, que era grande, e o fazia, segundo o testemunho de um juiz bem informado, preferir suas próprias ideias a todas as outras. Esse complexo também reforçou nele o autoritarismo típico dos homens naturalmente desprovidos de autoridade; ele se ressentia ainda mais por ter à sua frente uma mulher superior. Incapaz de dominá-la, nem mesmo igualá-la pelo jogo de uma superioridade pessoal, ele tentou subjulgá-la pelo argumento de autoridade, manuseado como uma maçã. Começando dessa forma, ele se viu preso em sua própria engrenagem de atos e palavras. Recuar era, para ele, diminuir ainda mais as chances de um prestígio que tentava em vão adquirir. Assim, ele se viu levado a procedimentos e manobras em flagrante contradição com algumas de suas qualidades [...]*
>
> *« Por meio de astúcia e intriga, ele se esforça para obter o que a imposição imperativa não consegue lhe dar. Além disso, nenhuma sutileza psicológica, nenhuma flexibilidade no manejo de seus administrados. [...] O comportamento habitual de Mons. Dupuch ganhou, devido à magnitude de Madre Émilie de Vialar, um relevo particular no caso das Irmãs de São José. Mas quantos casos análogos, onde se manifesta o mesmo! A seguir, a lamentável história de Mons. Dupuch vai, ao se precipitar, testemunhar as esmagadoras deficiências do [bispo]. Mons. Dupuch cavou com suas próprias mãos o abismo no qual irá cair. [...]*
>
> *« Em 9 de dezembro de 1845, ele teve que apresentar sua renúncia ao Santo Sé e ao rei. Ele foi forçado a isso. Por quê? Uma nota ministerial confidencial, de 3 de fevereiro de 1846, nos diz: "Graves desordens administrativas, dívidas contraídas sem possibilidade de honrá-las, o escândalo mais de uma vez repetido de letras protestadas, uma conduta imatura e sem dignidade que desconsidera a autoridade e faz sentir vivamente a necessidade de tomar uma posição." Mons. Dupuch, caçado por seus credores, teve que deixar precipitadamente seu episcopado e se esconder.»* (Gaëtan Bernoville, *Émilie de Vialar*, Arthème Fayard, 1953, pp. 162-165)

A Escritura ensina que há « um tempo para se calar, e um tempo para falar ». Durante muito tempo acreditamos que era preferível permanecer em silêncio, mas é preciso reconhecer que alguns perdem toda a reserva diante do nosso silêncio; é por isso que intervimos.

Que se saiba bem que apenas tocamos na superfície de um problema que é muito mais profundo do que isso e esperamos não precisar expô-lo mais detalhadamente. A parte invisível do iceberg, se for necessário revelá-la no futuro, pode surpreender muitos.

Pax et Veritas

O notário da Sapinière.